

DESAFIOS DA GESTÃO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTUDO EM QUATRO ESCOLAS MUNICIPAIS DE FORTALEZA (CE)

Iasmin da Costa Marinho¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Brasil
E-mail: iasmincosta@uern.br

Introdução

Este estudo é fruto de pesquisa de tese intitulada: *Escolas sitiadas: gestão das desigualdades em territórios periféricos da cidade de Fortaleza* (MARINHO, 2022), e tem como objetivo apresentar os desafios da gestão escolar nos anos finais do ensino fundamental, tendo como base estudo desenvolvido em quatro instituições municipais de Fortaleza (CE).

A pesquisa ora apresentada é de abordagem qualitativa de análise (CRESWELL, 2010), utilizando-se de procedimentos como a pesquisa bibliográfica, documental e aplicação de entrevistas semiestruturadas junto a gestores escolares² (11), professores (16) e familiares (10), totalizando 37 participantes³, de escolas públicas localizadas em territórios periféricos⁴ da cidade de Fortaleza.

Sobre os anos finais do ensino fundamental (AF), pesquisa realizada por Davis *et al.* (2012), ressalta: “Há pouquíssimos estudos que tratam sobre essa fase de ensino, embora exista farta literatura sobre a criança que inicia o processo escolar e o adolescente que está em vias de concluí-lo, teórica e idealmente aquele que tem entre 15 e 17 anos” (DAVIS *et al.*, 2012, p. 104).

Até os anos 1970, a escolaridade obrigatória no país era da 1ª a 4ª série e era necessário realizar exame de admissão para cursar o ginásio. Os exames restringiam as oportunidades daqueles com condições econômicas e sociais menos favorecidas (DAVIS *et al.*, 2012). A partir da implementação da Lei nº 5692 de 1971, esperava-se integrar o ensino ginásial com o primário, bem como o currículo de ambas as fases, no entanto, historicamente as realidades quanto a esses campos permaneceram distintas. Contudo,

¹Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

²Diretores e coordenadores pedagógicos.

³Devido os limites do texto, foram apresentadas poucas falas dos participantes, concentrando-se na síntese dos principais achados. Mais informações sobre a pesquisa podem ser consultadas em Marinho (2022).

⁴Periferia é um conceito complexo que pode significar território ou espaço de privação de direitos, pobreza e vulnerabilidade, mas também, de riqueza cultural e social potentes que necessitam de maior intervenção de políticas públicas (MARINHO, 2022).

nos anos subsequentes, ampliou-se a escolaridade obrigatória de 7 a 14 anos, medida acompanhada da extinção do exame de admissão e da ampliação do número das vagas nas redes públicas de ensino.

Como destaca a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esses estudantes “se inserem em uma faixa etária que corresponde à transição entre infância e adolescência, marcada por intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais” (BRASIL, 2018, p. 60). Nessa etapa, observamos os fatores de rupturas de organização do conhecimento escolar que estão associados ao número maior de professores e às disciplinas, os quais acabam por diversificar a didática das aulas, o que amplia as responsabilidades.

Scorzafave, Faria e Alves (2020) identificam fatores associados ao melhor rendimento das escolas de AF que estão aliados a relação da gestão escolar e dos professores, quais sejam: boas expectativas de futuro e aprendizagem dos alunos por parte dos professores; maior atenção ao direcionamento das lições de casa e correção destas, bem como, menor absenteísmo docente.

Adiante apresentamos as reflexões apreendidas no trabalho de campo, por meio das entrevistas semiestruturadas aplicadas com os gestores, professores e familiares das instituições pesquisadas⁵.

Achados da pesquisa

Os gestores, quando questionados sobre os desafios do trabalho com os AF, citam com maior frequência quatro aspectos: a baixa participação da família na escola; a indisciplina; o absenteísmo docente; e questões socioemocionais. Nas entrevistas, a família é o centro das discussões com relação aos AF. Os gestores e alguns professores registram preocupação sobre o aparente “abandono” dos pais com os filhos nessa faixa etária, destacando que muitos considerando que os filhos já não são mais vistos como “crianças” nem precisam de um acompanhamento mais próximo.

A maior dificuldade que a gente ver que não é só aqui, mas em outras escolas é com a falta de acompanhamento dos pais. A gente teve uma reunião agora com 300 pais, e a gente vê um número muito reduzido nesse quesito. Não só virtualmente, como também presencialmente, a gente sente isso. Tendo em vista que, a maioria dos pais que vinham, que compareciam a reunião, é

⁵Para efeitos do cumprimento ético da pesquisa, a identidade dos participantes será preservada, utilizando siglas para referenciar as falas, tais como: GESC (Gestor Escolar); PROF (Professor) e FAM (Familiar). As escolas serão representadas por números de 1 a 4.

daqueles filhos que já era acompanhados, que já tinha uma boa nota (GESC2, Escola 1, 2021).

Além disso, os coordenadores da Escola 1 destacam que o desemprego também passou a ser um grande desafio para a instituição, visto que os alunos começam a ter de desistir dos estudos em busca de sua sobrevivência, situação agravada durante o contexto pandêmico.

A questão da indisciplina é vista como uma problemática também associada à falta de acompanhamento familiar e, em alguns casos, associada ao contexto de violência em que se situam as escolas. “Eles trazem muito isso do contexto deles, de nos afrontar, ter essa postura as vezes, mais agressiva. Tem pai que também trata o filho por nomes “vagabundo”, ele aprende em casa” (GESC2, Escola 3, 2021).

Sobre o absenteísmo docente, as quatro escolas destacam isso como uma problemática permanente nas instituições: “Sempre tem os que faltam. O problema é que nós temos que nos ausentar muitas vezes para ficar no lugar desses professores. E outros nem avisam, eles simplesmente faltam” (GESC1, Escola 4, 2021).

Quanto às expectativas de futuro relatadas pelos sujeitos entrevistados, notamos que há um sentimento positivo de que os estudantes avancem em seu processo formativo, ingressando na universidade e que sejam cidadãos mais conscientes do seu papel. No entanto, alguns relatos, evidenciam o retorno das expectativas ao perfil das famílias:

Então assim, eu tenho a expectativa de que eles cresçam e tudo. Mas a família no caso aí, às vezes, o professor, a escola, traz para si uma responsabilidade que nem é da gente. **A gente está ali para fazer até uma correção de conduta, e é uma coisa que era para a família fazer, a gente acaba tendo que fazer. E a expectativa da gente acaba não se concretizando (...)** (PROF4, Escola 4, 2021, grifo nosso).

A coordenadora da Escola 4, quando questionada sobre as suas expectativas com relação ao futuro dos alunos, desenvolveu seu argumento com base nas questões de territorialidade e violência⁶:

(...) eu quero encontrá-los daqui a 05 ou 06 anos, dependendo da série que eles saiam, que encontrem comigo na rua e digam: “tia, você se lembra de mim? hoje eu estou trabalhando aqui, hoje eu sou formado, eu não parei de estudar, eu tenho a minha família”. **Que eles tenham perspectiva de vida, porque aqui no nosso bairro, infelizmente, a perspectiva de vida dos jovens ela é muito curta, por conta de toda essa questão da violência, das facções** (GESC1, Escola 1, 2021, grifo nosso).

⁶Sobre a influência dos territórios fccionados na educação dos jovens da periferia, consultar Marinho (2022).

Os pais e responsáveis entrevistados apresentam uma visão otimista sobre o futuro dos seus filhos. Destacam a crença na escola como possibilidade de mudança social. Desejam que os estudantes tenham no processo educativo uma oportunidade de seguir trajetórias diferentes com maiores e melhores possibilidades formativas e de carreira profissional. Para ilustrar as expectativas de futuro anunciadas pelos familiares, trazemos a fala da FAM3 da Escola 4:

Minhas expectativas são as melhores, eu tenho sempre que ter fé que elas terão um futuro bem melhor (...). Eu espero que elas sejam profissionais boas. Não sei se elas vão querer ir para minha área da saúde, mas que elas aprendam a valorizar o ser humano. E que elas sejam cidadãs bem responsáveis, e que sejam boas pessoas onde elas estiverem (FAM3, Escola 4, 2020).

Todos os participantes – pais, mães, avós – pontuam que fazem questão de estarem presentes nas reuniões e acompanhar as atividades escolares sempre que possível. Muitos relatam também as dificuldades de cumprir esse acompanhamento da vida escolar dos filhos devido a estarem trabalhando dois ou três turnos por dia.

Considerações Finais

Em síntese, as problemáticas de violência dos territórios periféricos, bem como questões associadas à pobreza e à vulnerabilidade, atravessam também as expectativas que gestores e professores constroem sobre os futuros profissionais e de vida de seus alunos. As famílias, contrariando as perspectivas apontadas nas falas de alguns gestores e professores entrevistados, destacam sua atuação no acompanhamento da trajetória escolar dos filhos, percebendo a escola como espaço importante na mudança social desses jovens, com expectativas positivas sobre seus futuros. Evidenciou-se o esforço que as intuições de ensino operam para lidar com as desigualdades e desafios dos anos finais do ensino fundamental, introduzindo uma nova cultura organizacional em prol de um trabalho colaborativo junto às famílias e às comunidades.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAVIS, C. L. F. *et al.* **Anos finais do ensino fundamental: aproximando-se da configuração atual**. [S. l.]: Fundação Carlos Chagas, 2012. 208p.

MARINHO, I. C. **Escolas sitiadas**: gestão das desigualdades em territórios periféricos da cidade de Fortaleza (CE). 2022. 357 f. Tese (Doutorado em 2022) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.

SCORZAFAVE, L. G., FARIA, E. M.; ALVES, B. O que diferencia escolas com bom desempenho nos anos finais do ensino fundamental? **Estudos em Avaliação Educacional**, [S.l.], v. 31, n. 78, p. 577-599, 2020.